

ONTEM – UMA AGORIDADE CHEIA DE HISTÓRIA

MARCELO MATOS¹; HELANO JADER CAVALCANTI RIBEIRO²

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – marceloinverso@gmail.com

²UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – hjcribeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge com o intuito de realizar uma análise da obra produzida por Agota Kristof (1997), denominada *Ontem*. Em sua escrita, buscamos investigar o movimento de uma autora que faz uma retomada de seu passado, imerso em ruínas, em um todo fragmentado. Assim, vemos na expressão do título da obra, enquanto exercício de escrita de si, a problematização da retomada do que passou, à luz do agora. Longe de ser nostálgico, *Ontem* questiona nessa suposta origem como ato político de escrever a própria história, na língua daquele lugar que lhe ofereceu hospedagem. A autora expõe através de uma linguagem ríspida, que se esforça em suprimir o sentimental.

2. METODOLOGIA

A narrativa versa sobre um refugiado, Tobias Horvath, que há dez anos trabalha em uma fábrica de relógios e ganha o suficiente apenas para sobreviver ao dia seguinte. Ali, "produz peças isoladas, partes para outras fábricas", (KRISTOF, 1997, p.37). Imerso em uma rotina mecânica, em que vemos cenas que retratam uma vida em ruínas, fragmentada, na qual afirma: "nenhum de nós seria capaz de montar um relógio completo" (KRISTOF, 1997, p.37). Essa desintegração é ainda mais sentida em um ambiente no qual, segundo o personagem, "cada um está só com sua máquina. Não se pode conversar" (KRISTOF, 1997, p.38). O isolamento, a ausência perseverante, nos insere no campo do repetitivo, do insistente, daquilo que volta sempre ao mesmo: "o mesmo buraco na mesma peça há dez anos", (KRISTOF, 1997, p.37). Essa ruptura, insensível, aparece no trato de seus colegas de trabalho com o protagonista, não o separando das máquinas sem sentimento, amontoadas num mesmo local. Ele Narra:

Depois da refeição, leio um livro que trago de casa ou jogo xadrez. Sozinho. Os outros operários jogam baralho, eles não olham para mim. Depois de dez anos ainda sou *estrangeiro* para eles. (KRISTOF, 1997, p.39) (grifo nosso).

Aqui, falamos da volta, ou seja, falamos da infância. Ou ainda, da solidão da infância do protagonista. Foi lá que Tobias Horvath tentou assassinar sua mãe, Ester, que era "a ladra, a mendiga, a puta da aldeia" (KRISTOF, 1997, p.24), e o seu pai, Sandor, o instrutor da aldeia. Lina o lembrava: "ele que manda aqui" (KRISTOF, 1997, p.25). Daquele isolamento confesso: "Eu nunca ia à aldeia. Morávamos perto do cemitério, última rua do vilarejo, última casa." (KRISTOF, 1997, p.23). Daquele passado frio de indiferença, em que "Minha mãe vinha à cozinha para lavar o traseiro [...]. Ela quase não falava comigo e nunca me beijou" (KRISTOF, 1997, p.23), emergem as condições para o aparecimento de "Lina", a personagem inventada por Tobias para dar significado à sua vida. Na condição de

refugiado, também inventa um nome para si, no intuito de reconstruir sua identidade, sua origem e suas memórias. Tobias Horvath foge sob o epíteto de Sandor Lester. Junção dos nomes de sua mãe e seu pai.

Essa personagem se torna a busca pela concretização do sonho que o protagonista projeta para si, no futuro: - Lina. Carolina, a menina que não gostava de seu nome "Não gosto do meu nome, me chame de Lina, como todo mundo" (KRISTOF, 1997, p.26). A mesma menina pela qual se apaixonou, a única que na infância conversava com ele e, ainda que obrigada, dava "metade do seu pão ou biscoito" (KRISTOF, 1997, p.27). Ela tinha um irmão mais velho, um irmão mais novo e permanece, por todo romance, sem saber que era meia-irmã de Tobias. Lina aparece no romance como uma figura que carrega a questão da origem.

Já no exílio há dez anos, o protagonista reencontra sua paixão de infância, Carolina, que surge na narrativa enquanto a realização de seus sonhos; que por fim a sua falta de esperança, isolamento e solidão. O retorno de Lina na vida do protagonista emerge como possibilidade de restauração e reconstituição daquilo que foi perdido. E ainda, o caráter de incompleto e inacabado de seu passado que se re-apresenta em seu agora, propicia a oportunidade para que possa concretizar o seu sonho. Contudo, Carolina está casada, tem um filho e voltará para seu país de origem. Mas ele tentará concretizar seu sonho a todo custo, pois a situação extrema que vivencia lhe cobra uma atitude. E no ímpeto de não deixar sua paixão fugir, e ir embora, Sandor Lester esfaqueia Koloman, o marido de Lina.

Dois anos após a partida de Carolina, nosso protagonista está casado com Iolanda, mãe exemplar da sua filha que se chama Lina. Um ano depois, seu filho, Tobias, nasce. Ao final, lemos a última frase do romance: "Não escrevo mais" (KRISTOF, 1997, p.109).

Assim, pensaremos esse passado em *Ontem*, repleto de reconstruções a partir das ruínas [ou o passado que insiste em ser no presente], como um ontem que emerge no tempo de agora em forma de posicionamento politicamente ético e eticamente político que produza estranheza a esse mesmo presente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse sentido, pensaremos esse resgate memorialístico a partir do conceito de Ursprung de Walter Benjamin. No *Prólogo Epistemológico-crítico*, Benjamin desenvolve o conceito de "Origem" (Ursprung). O texto faz parte da tese intitulada *Origem do Drama Trágico Alemão*, que o autor submeteu, em 1925, à Faculdade de Filosofia como procedimento formal para obter o título de livre-docência. O autor define que "Origem" é um conceito que não se relaciona a um procedimento de volta ao anterior para dar uma explicação sobre um fato no presente. Ele nos explica que, antes disso, ela é aquilo que fica, que permanece e se reapresenta, ainda que em ruínas fragmentadas, expondo um processo que faz surgir e faz desaparecer o passado no tempo de aqui e agora. Explica:

<Origem>, não designa o processo de devir de algo que nasceu, mas antes aquilo que emerge do processo de devir e desaparecer. [...] O que é próprio da origem nunca se dá a ver no plano do factual, cru e manifesto. O seu ritmo só se revela a um ponto de vista duplo, que o reconhece, por um lado como restauração e reconstituição e por outro como algo de incompleto e inacabado. Em todo fenômeno originário tem lugar a determinação da figura através da qual uma ideia permanentemente se confronta com o mundo histórico, até atingir a totalidade de sua história. (BENJAMIN, 2011, p.32).

Walter Benjamin ainda debate a linguagem enquanto "medium" próprio da verdade. Bernd Witte, comentador de Walter Benjamin, nos esclarece a percepção do autor sobre a questão da linguagem entrelaçada no conceito de "Origem":

Benjamin, ao contrário, trata da experiência - adquirida através da linguagem - daquilo que o drama trágico é; trata da sua "origem". Essa palavra, empregada no título do trabalho, significa para ele não a procedência histórica do gênero, mas o momento em que ele "brota" da história, isto é, subtrai-se dela e desse modo se torna ideia. (WITTE, 2017, p. 63).

Sua origem, seu ontem, não é um fato procedido na história, que surgiu e desapareceu; é um procedimento factual de aparecimento e desaparecimento da história. A obra de Agota Kristof nos fala de hoje.

O tempo se dilacera. Onde encontrar os territórios vagos da infância? Os sois elípticos fios no espaço negro? Onde encontrar os caminhos que balança no vazio? As estações perderam seu significado. Amanhã, ontem, o que querem dizer essas palavras? Existe apenas o presente. Uma vez, neva. Outra vez, chove. Depois faz sol, vento. Tudo isso é agora. Não foi, não será. É. Sempre. Ao mesmo tempo. Porque as coisas vivem em mim e não no tempo. E em mim, tudo está presente. (KRISTOF, 1997, p.88).

Assim, nossa pesquisa depara-se com o confronto de uma autora que fala de si, em um exercício de escrita que olha para o seu próprio passado. Esse retorno sobre si mesmo não é irrelevante. O que vemos na autora é um deslocamento do olhar corrente no ato de descortinar a história. Não é nostálgico. Não poderia ser. Afirmá-lo, seria impossibilitar o aparecimento de algo que retorna, mas que difere. Seria a contemplação de uma memória isolada no tempo. Nossa autora, ao contrário, nos remete à instância do agora. E, mais do que isso, ela nos demonstra que é sempre no presente que o seu *Ontem* vigora. Destitui o estado intocável daquilo que passou. Ela nos coloca no campo do espectador de uma repetição insistente, histórica, para que desse modo, tenhamos uma atitude ao que se postula. Agota Kristof articula a questão da origem, expõe a propriedade difícil, inacabada, de questões que permanecem ainda hoje sem resposta.

4. CONCLUSÕES

Explicita-se desse modo, o imbricado jogo do qual participam a obra e o seu signatário. Em artigo, CAMARGO (2010) apresenta alguns apontamentos teóricos em *Sobre leitura e escritos autobiográficos*. Nesse debate, passeia pela esfera do íntimo em escritos que se declaram como autobiografias. Nele, entende a ocorrência deste entrelaçamento como um exercício. Exercício que deixa marcas de sua origem. Exercício da escrita de si. A autora do artigo cita exemplos da obra *La prueba* (2007), de Agota Kristof, demonstrando a escrita enquanto ato formador. De fronteira.

Na relação tensa configurada pelo íntimo, o espaço autobiográfico, no qual inserem-se os estudos autobiográficos, temporalizados, contextualizados, é convertido em sinal de perigo e de fronteira, em lugar

de passagem e de possibilidade de transgressão entre público e privado, que por sua dimensão imaginária não é só região desconhecida, mas também de movimento, de ruptura. (CAMARGO, 2010, p. 28).

Portanto, a partir do percurso de nossa pesquisa, observamos a relação estreita e difícil que acontece no ato de escrita. Perscrutamos, assim, o movimento de retomada, explícito no título da obra, de uma autora que permaneceu quase dez anos sem escrever após publicar *Ontem*, tentando descobrir se esse retorno produz sentido aqui e agora.

Nos chama atenção o fato de que esta repetição, esse olhar nos impõe uma responsabilidade. Em tempos de um retorno a debates suplantados na história, como a identidade nacional, fica a pergunta que procuramos responder: Qual o significado desse ontem que se apresenta sempre em nosso agora. Nosso caminho de pesquisa nos indica que somente respondendo com seriedade e reflexão a estas questões inacabadas, que retornam em nosso agora, que teremos condições de captar o momento à parte de sonhos, narrativas ou ilusões.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **Origem do drama trágico alemão**. Trad. João Barrento. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2011.

CAMARGO, MRRM., org., SANTOS, VCC., collab. **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-126-3. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

KRISTOF, A. **Ontem**. Tradução de Angela Melim. – Rio de Janeiro : Rocco, 1997.

WITTE, B. **Walter Benjamin : uma biografia**. Tradução de Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.